

## **A história de vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico, escolarização e processos de inclusão**

### **The life story of a child with Autism Spectrum Disorder: diagnosis, schooling and inclusion processes**

Leydiane Monteiro Merlo Araújo<sup>1\*</sup>, Michell Pedruzzi Mendes Araújo<sup>2</sup>, Mirella Guedes Lima de Castro<sup>3</sup>

---

#### **RESUMO**

Este estudo objetivou compreender a história de vida de uma criança com Transtorno do Espectro Autista, buscando abordar como foi a chegada do diagnóstico, como se deu a sua escolarização e os processos de inclusão vivenciados. Para tal, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo história de vida. Para coleta de dados foram desenvolvidas entrevistas biográficas com a mãe de Vicente (nome fictício), uma criança que apresenta o transtorno, e era aluno regular do grupo IV de uma escola da rede privada de educação infantil do município de Cariacica-ES no ano de 2021. Para embasar teoricamente este estudo, recorreu-se à perspectiva histórico-cultural de Vigotski e colaboradores, por entendermos que as relações e as vivências são imprescindíveis para a constituição subjetiva dos sujeitos. Como resultados, destaca-se que a chegada do diagnóstico foi um momento impactante, mas não impediu que a mãe de Vicente buscasse terapias e apoio que potencializassem o desenvolvimento do seu filho. Ademais, este estudo desvela que a inclusão escolar do discente com autismo é possível desde que as especificidades dos sujeitos sejam consideradas pelos docentes e que família e escola estreitem suas relações.

**Palavras-chave:** Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista; Diagnóstico; Escolarização.

---

#### **ABSTRACT**

This study aimed to understand the life story of a child with Autism Spectrum Disorder, seeking to address how the diagnosis arrived, how his schooling took place and the inclusion processes experienced. To this end, a qualitative approach was developed, of the life history type. For data collection, biographical interviews were carried out with Vicente's mother (fictitious name), a child who has the disorder, and was a regular student of group IV at a private school for early childhood education in the city of Cariacica-ES in the year of 2021. To theoretically support this study, the historical-cultural perspective of Vygotsky and collaborators was used, as we understand that relationships and experiences are essential for the subjective constitution of subjects. As a result, it is noteworthy that the arrival of the diagnosis was an impactful moment, but it did not prevent Vicente's mother from seeking therapies and support that would enhance her son's development. Furthermore, this study reveals that the school inclusion of students with autism is possible as long as the specificities of the subjects are considered by the teachers and that family and school strengthen their relationships.

**Keywords:** School inclusion; Autism Spectrum Disorder; Diagnosis; Schooling.

---

<sup>1</sup> Faculdade Estácio de Sá de Vitória

\*E-mail: leydi\_monteiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás

<sup>2</sup> Instituto Federal do Espírito Santo

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda os processos de inclusão, escolarização e de chegada do diagnóstico de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA<sup>3</sup>) que está inserida na educação infantil. Para tal, foi analisada a história de vida de um sujeito que apresenta esse transtorno.

Ante o exposto, faz-se mister trazer à tona as características do autismo. O autismo infantil é um transtorno do neurodesenvolvimento de etiologias múltiplas e leva a comprometimentos na comunicação e interação social, englobando estereotípias e comportamentos repetitivos. As características do transtorno são muito abrangentes, acometendo os indivíduos em diferentes graus nas áreas de interação social, comunicação e comportamento. Hodiernamente, utiliza-se o termo "espectro autista" considerando a amplitude de especificidades referentes às respostas inconsistentes aos estímulos e ao perfil heterogêneo de habilidades e prejuízos (CAMARGO; BOSA, 2009).

Acerca das principais características das pessoas que apresentam o TEA, destacam-se: prejuízos persistentes na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; podem apresentar temores descomuns de determinados lugares, barulhos, estímulos e excessiva preferência por alguns objetos, cores, texturas ou jogos; podem aprazer a engatinhar (ou nunca acontecer), andar, falar e, em determinados episódios, exibem regressão de fala entre 1 ano e 2 anos e meio de vida – sinal muito importante para se pensar na possibilidade de se ter autismo; apresentam déficits para se desenvolver, manter e compreender as relações, conforme os padrões relativos à idade, gênero e cultura; podem não manifestar interesse social, ou mesmo acontecer de forma atípica ou reduzida; podem apresentar manifestações por rejeição de outros e passividade ou abordagens inadequadas que parecem agressivas ou disruptivas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Importa destacar também que a inclusão de pessoas com autismo na escola comum tem trazido muitos desafios para os profissionais da educação relacionados ao seu estilo de organização e do trabalho pedagógico para atender às necessidades desses

---

<sup>3</sup> Em alguns momentos desse artigo, utilizaremos a sigla TEA ao nos referirmos ao Transtorno do Espectro Autista.

sujeitos. Ainda há pouco conhecimento<sup>4</sup> acerca desse transtorno, sobre as potencialidades e as práticas educativas adequadas à aprendizagem e ao desenvolvimento dos sujeitos que o possuem (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Nesse sentido, a realização de estudos sobre a escolarização desses sujeitos é imperativo, a fim de que possibilidades de inclusão sejam anunciadas e sirvam como molas propulsoras para a prática de outros docentes e/ou profissionais da educação.

Abordar o tema autismo justifica-se pela relevância de informar às outras pessoas o que é o transtorno do espectro autista (aspectos conceituais), e como se pode incluir os sujeitos com esse transtorno na sociedade, evitando assim o capacitismo, o preconceito e visões estigmatizadoras acerca desses indivíduos. Afinal, tendo em vista a perspectiva histórico-cultural que orienta a realização desse estudo, todos os sujeitos são capazes de aprender e se desenvolver, desde que as mediações adequadas sejam planejadas e realizadas.

Tendo em vista a temática apresentada, que concerne à inclusão social e escolar de uma criança com TEA, o problema de pesquisa que se ajeita é: **como a criança com transtorno do espectro autista é incluída na escola comum e no seio familiar, como se deu a chegada do diagnóstico e como estão ocorrendo seus processos de escolarização no contexto da educação infantil?**

Como aporte teórico, essa pesquisa estará embasada nos pressupostos da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (1991; 1993; 2001; 2018) e colaboradores. Dessa perspectiva, serão utilizados os conceitos de mediação, zonas de desenvolvimento (potencial, iminente e real), papel do outro nos processos mediativos; constituição da subjetividade; aprendizagem e desenvolvimento e fundamentos de defectologia (mecanismo de compensação). Isso porque potencializam a compreensão do processo de inclusão social e escolar dos sujeitos com transtornos globais do desenvolvimento, no caso desse trabalho, do transtorno do espectro autista.

Outrossim, consideramos que o contexto sociocultural o qual os indivíduos são pertencentes é fundante para a sua constituição. Por esse prisma, este estudo estará ancorado teoricamente na perspectiva histórico-cultural de Vigotski e colaboradores, por entendermos que esses autores trazem importantes contribuições para se analisar a

---

<sup>4</sup> Por meio de nossas vivências, destaca-se que há pouco conhecimento pela sociedade em geral e também por educadores de algumas redes de ensino, que não oferecem processos de formação continuada para a diversidade que é inerente ao espaço escolar.

história de vida de uma criança com autismo que está inserida no contexto da educação infantil.

Por valorizarmos a natureza histórico-cultural da constituição do pensamento e da linguagem, defendemos que os espaços escolares e o contexto familiar devem desenvolver práticas e mediações que estejam em concordância com as necessidades dos indivíduos com TEA. Para isso, é necessário um reconhecimento das pessoas em relação às peculiaridades dos transtornos, assim como a criação de ações que potencializem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, incluindo o pensamento e a linguagem (VIGOTSKI<sup>5</sup>, 1991; 1993).

Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo geral **compreender a história de vida de uma criança com transtorno do espectro autista que está inserido na educação infantil**. De modo específico, objetivou-se: analisar como se deu a chegada do diagnóstico no âmbito familiar; conhecer por quais vias se dão os processos de escolarização dessa criança no contexto da educação infantil; entender como ocorre a inclusão da criança com TEA no cotidiano da educação infantil.

De modo a atingir os objetivos propostos, foi utilizada a metodologia do tipo história de vida, que se configura como uma proposição de abordagem qualitativa. Segundo Araújo (2020, p. 64), por meio da história de vida "é possível internar-se na vida do sujeito pesquisado, estabelecendo relações entre o social e o individual e buscando as miudezas, os pormenores que nos deram uma visão mais completa, e mais global do processo". No caso específico dessa pesquisa, a análise da história de vida de um sujeito com TEA poderá desvelar minúcias a respeito dos aspectos inclusivos e de constituição subjetiva desses sujeitos, que potencializam uma compreensão mais global a respeito da inclusão social e escolar.

Como procedimentos de coleta de dados, foram desenvolvidas entrevistas biográficas com a mãe do sujeito com autismo de nome fictício Sara. As entrevistas biográficas, segundo Araújo (2014, 2020), são tipos de entrevistas semiestruturadas muito relevantes por considerarem as especificidades dos sujeitos entrevistados e adequá-las às suas condições socioculturais.

---

<sup>5</sup> Utilizamos, nesse artigo, a grafia Vigotski por representar a transliteração mais próxima da língua portuguesa.

O sujeito dessa pesquisa é o Vicente<sup>6</sup>, um menino de 5 anos diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) do nível de suporte I<sup>7</sup>, morador do município de Cariacica - Espírito Santo- e que frequenta o grupo V em um centro de educação infantil da rede privada de ensino.

Nesse sentido, o desenvolvimento do texto será apresentado em algumas seções, quais sejam: **breve revisão de literatura**; explicitação do **referencial teórico** utilizado para potencializar as análises dos dados obtidos; a história de vida do aluno Vicente (**resultados**), contada pela sua mãe e analisada à luz dos pressupostos sócio-históricos, abordando a chegada do diagnóstico, a inclusão escolar e os processos de escolarização; a tecitura das **considerações finais**.

## **BREVE REVISÃO DE LITERATURA**

Tendo o objetivo de conhecer o estado da arte de pesquisas desenvolvidas com sujeitos com autismo, foram realizadas buscas em sites como o *Google Scholar* e no Catálogo e teses e dissertações da Capes.

O primeiro trabalho selecionado para compor essa revisão de literatura é a dissertação de mestrado de Chiote (2011), intitulada "A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil". A pesquisa teve por objetivo analisar o papel da mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo. Metodologicamente, tratou-se de um estudo de caso realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Cariacica (ES), e teve como sujeitos de pesquisa uma criança com autismo, suas professoras e as demais crianças de sua turma. Teoricamente, embasou-se nos pressupostos da perspectiva histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores. Os dados foram produzidos a partir da observação participante, entrevistas e análise documental, com registro em diário de campo, videogravações e fotos. A organização e análise de dados se apoiaram na abordagem microgenética na busca de desvendar os processos de desenvolvimento do discente a partir das relações com os seus pares.

Confluindo, vale ressaltar que, na dissertação de Chiote (2011), é trazido à tona que não existem causas específicas para o autismo. Ademais, a interpretação é realizada de acordo com os diferentes campos de investigação. Inspirados em Chiote (2011),

---

<sup>6</sup> Nome fictício, a fim de preservar a identidade do sujeito de pesquisa.

<sup>7</sup> Utilizamos essa terminologia, adotada pelo DSM V, em detrimento da terminologia anterior (graus leve, moderado e severo).

destacamos que as formas de “tratamento” ou de intervenção no autismo infantil estão relacionadas inteiramente com os campos de estudo. Na área médica, a maioria das pesquisas ocorrem a partir de uma base genética ou neurológica no estudo de causas orgânicas, e o tratamento é realizado, na maioria dos casos, por meio da farmacologia. No contexto da psicologia, os estudos sobre o autismo se ajeitam nas abordagens comportamentalista, cognitivista ou psicanalítica, que oferecem diferentes olhares (a nosso ver, mais holístico do que na medicina) acerca da criança com autismo e seu desenvolvimento.

"Histórias de vida de mães de sujeitos com deficiência: vidas que compõem histórias", de Silva *et al.* (2014), foi o segundo trabalho selecionado para compor o *corpus* dessa seção. Esta pesquisa, publicada como artigo científico em um periódico nacional, buscou entender as histórias de vida de mães de indivíduos com deficiência por meio da perspectiva sócio-histórica, compreendendo, deste modo, a constituição subjetiva dos sujeitos. As histórias de vida apresentadas pelas duas mães entrevistadas revelaram que ser mãe é enxergar além da deficiência de seu filho. Para elas, ser mãe é trabalhar as possibilidades existentes e não se limitar as deficiências. Neste sentido, os autores compreendem que só é possível ser mãe de um sujeito com deficiência aceitando-o e vivenciando. Ademais, essa relação mãe-filho é determinante para a construção identitária do “eu”, no caso a mãe, e do “outro”, o filho.

O terceiro trabalho elencado é uma dissertação de mestrado intitulada “O diagnóstico e a escolarização: os sentidos subjetivos constituídos por mães de alunos com autismo”, que foi desenvolvida por Sousa em 2016. A pesquisa objetivou compreender os sentidos subjetivos constituídos pelas mães com filhos autistas em relação ao diagnóstico e como isso impacta no processo de escolarização. Por meio das entrevistas foi possível perceber que as mães produziram diferentes sentidos subjetivos em relação ao diagnóstico, principalmente a valorização do filho como sujeito. A autora também aponta sobre a perspectiva das mães, que a escolarização se limita, muitas vezes, às condições de sociabilidade e cuidado devido às habilidades cognitivas das crianças. Sousa (2016), então, concluiu que os sentidos subjetivos produzidos por cada mãe são vários e singulares.

Tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, os estudos supracitados permitiram uma visão mais holística acerca da temática aqui trabalhada. Assim, potencializou-se o

desenvolvimento da temática e a construção de conjecturas possíveis, para trazer à tona a história de vida de Vicente, um discente com autismo, a partir do prisma da sua mãe.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta pesquisa está fundamentada teoricamente na perspectiva histórico-cultural de Vigotski (1991; 1993; 1997; 2001; 2018) e seus colaboradores, por entendermos que os sujeitos se constituem subjetivamente por meio das relações alteritárias e dialógicas que eles mantêm com os seus pares em um dado contexto social. Trazendo para o contexto dessa pesquisa, acreditamos ser possível compreender processos de inclusão e de escolarização do sujeito autista a partir do prisma de uma mãe, que é um outro sujeito para a criança autista, tendo alicerce na perspectiva histórico-cultural.

Ante o exposto, concordamos com Ribeiro, quando destaca:

Tendo em vista sua perspectiva sociocultural de compreender o desenvolvimento humano, temos a possibilidade de compreender as diferenças para além da dimensão biológica, ou seja, as individualidades, as especificidades e singularidades se forjam o tempo todo na sociedade. (RIBEIRO, 2020, p. 8).

A partir dos estudos de Vigotski<sup>8</sup> (1991) e colaboradores, compreendemos que a inclusão escolar tem que gerar significado ao sujeito, dando-lhe sentido e significado à vida, para possibilitar interações sociais que sejam mediadoras e lhe proporcionar uma compreensão de mundo que possibilite a sua autonomia participativa e ativa na construção de mundo e da própria história. Neste sentido, Vigotski considera que o desenvolvimento e a aprendizagem interrelacionam-se desde o nascimento da criança, isto é, a constituição do sujeito é um movimento dialético entre aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse sentido, a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e colaboradores se caracteriza pelos aspectos tipicamente humanos de um comportamento, que elaboram hipóteses de como tais características se formam ao longo da história humana e como se desenvolvem durante a vida do indivíduo. Para o autor, as funções psíquicas (ou psicológicas) superiores não são de origem biológica. Elas são construídas nas relações

---

<sup>8</sup> Este autor bielorusso pautava seus estudos no materialismo histórico-dialético, tendo como referência o teórico Karl Marx.

do indivíduo em seu contexto sócio-histórico e se desenvolvem por meio de processos de internalização das formas culturais do comportamento. Para Vigotski (1991), na internalização

um processo interpessoal é transformado em num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre as pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica) (VIGOTSKI, 1991, p. 64).

Por esse prisma, consideramos que a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e colaboradores propiciou a realização desse estudo, tendo em vista que esse pesquisador bielorusso vislumbrava o ser humano a partir das relações dialógicas e alteritárias que ele mantém com os seus pares, como, por exemplo, o sujeito com autismo, estabelece relações com sua mãe, seu pai, seus colegas, professores, dentre outros. Ademais, podemos considerar que alguns conceitos de Vigotski (1991; 1993; 1997; 2001; 2018) podem nos auxiliar a entender a história de vida da pessoa com transtorno do espectro autista, quais sejam:

- **mediação pedagógica:** o professor deve assumir, em sala de aula ou de atividades (na educação infantil) o papel de mediador do saber, não se colocando como a única figura detentora do saber, mas aquele que propicia a evolução das zonas de desenvolvimento do estudante.
- **Zonas de desenvolvimento:** a criança- com ou sem deficiência- apresenta zonas de desenvolvimento (potencial, proximal e real). Assim, quando o professor valoriza o que o discente traz de casa (a "bagagem", ou seja, seus conhecimentos espontâneos), está atuando na zona de desenvolvimento proximal (ou iminente<sup>9</sup>) e atuará, por meio da mediação, para que o discente chegue à desenvolvimento real para aquele determinado conteúdo curricular;
- **Funções psicológicas superiores (FPS):** Para Vigotski, essas funções são mais complexas que as elementares (ou inferiores) e se desenvolvem quando os indivíduos estão em contato com os colegas, com pais, professores, ou seja, com outros seres humanos. Assim, para que o estudante desenvolva bem suas FPS, como imaginação, memória, atenção, linguagem, emoção, vontade, pensamento, emoções, formação de conceitos, percepção etc., é necessário que ele esteja em

---

<sup>9</sup> Segundo tradução atual da autora Zoia Prestes, que consta em Vigotski (2018).

contato com outros indivíduos, relacionando-se com eles e que processos mediativos sejam planejados a eles.

- **Mecanismos de compensação:** É importante se apropriar desse conceito de Vigotski, pois ele estudou/pesquisou pessoas com deficiência. Em sua obra fundamentos de defectologia, esse autor bielorrusso destaca que as pessoas com deficiência não aprendem e se desenvolvem segundo as mesmas vias que pessoas sem deficiência. Pela sua condição orgânica, podem não apresentar alguns sentidos desenvolvidos, como visão e audição, assim, aprendem e se desenvolvem por caminhos ou vias alternativas, a partir dos sentidos remanescentes.

## RESULTADOS

"[...] Meu autismo não impede nem amor, nem amizade. Então, larga a vaidade. deixe disso, que bobagem. Viva a diversidade!" (GPI, 2018, s/p).

O sujeito dessa pesquisa é uma mãe de uma criança que está no espectro do autismo. De nome fictício Thalita, possui 38 anos. É graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo. Thalita tem dois filhos, um sem deficiência, que é a filha mais velha de 17 anos, e o de 6 anos, que é o menino com TEA de nível suporte I. Atualmente faz acompanhamento com a terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicóloga e terapia ABA. Ele frequenta a rede particular de ensino de Cariacica, cursando, no período de coleta de dados, a Educação Infantil. Thalita contou que Vicente já iniciou a medicação intitulado como *Neuleptil* 1% para atenuar os sintomas do prognóstico da doença.

Thalita disse que não planejou a gravidez e ficou surpresa com a notícia. Vicente nasceu de parto cesariana no dia 03 de maio de 2016, pesando 4,306g e medindo 51cm. A mãe disse que Vicente é uma criança muito meiga e carismática, que se apega facilmente às coisas. Tudo que ele faz ou aprende, internaliza e quer repetir sempre. Sua maior dificuldade é se desprender disso. Ele sentou com 6 meses, engatinhou com 7 e andou com 13 meses. Começou a falar com mais de 3 anos, depois que começou a fazer acompanhamento com fonoaudióloga.

Ao perguntarmos sobre quando notou que havia algo "diferente" no desenvolvimento do Vicente, a mãe disse que o que mais chamava atenção era o seu atraso na fala, mas depois ela foi percebendo outros detalhes como o fato dele não

procurar pegar as coisas/brinquedos, não mostrar nenhuma reação quando as pessoas o chamavam e o fato de chorar muito por tudo.

Acerca do processo de recebimento da notícia que seu filho possuía Transtorno do Espectro Autista, a mãe relatou que o diagnóstico ocorreu quando ele tinha 2 anos e 8 meses. A pediatra o encaminhou ao neuropediatra, que solicitou alguns exames para saber se ele tinha alguma deficiência auditiva. Descartada esta hipótese, ela o encaminhou para a Terapia Ocupacional, Psicólogo, Fonoaudiólogo solicitando um relatório de cada profissional, assim como o relatório da escola. Após esta análise é o diagnóstico clínico foi fechado: seu filho era autista nível de suporte I.

Sobre o exposto, concordamos com Becker e D'Antino (2009), quando enfatizam que habitualmente a família se prepara para o nascimento de um bebê saudável. Porém, quando presenciam que seu bebê nasceu com alguma necessidade especial, muitos pais passam por um processo de sofrimento interno, desenvolvendo conflitos consigo mesmo, ficando confusos. Esse sentimento se deve ao fato de que a realidade não condiz com aquilo que foi planejado.

Em relação ao que sentiram ao receberem esse diagnóstico, a mãe diz que, apesar de já suspeitar do diagnóstico, a confirmação foi angustiante, gerando várias dúvidas e perguntas quase sempre sem respostas. Ela também destacou que houve resistência por parte de alguns familiares e sobretudo do pai, que se recusavam aceitar o diagnóstico e até mesmo ir às consultas.

A mãe disse que Vicente é acompanhado de três em três meses pelo neuropediatra e semanalmente pelo fonoaudiólogo, psicólogo e pelo terapeuta ocupacional. Ademais, salientou que ele melhorou muito depois que começou a ser assistido por esses profissionais. Atualmente, fala quase tudo, está muito mais comunicativo e começou a adquirir mais independência.

Ao ser questionada como foi a adaptação do Vicente na escola, Thalita disse que a sua adaptação foi bastante difícil, mas como foi recomendação da neuropediatra, ela teve que aguentar firme para não tirá-lo da escola. Ficava o tempo todo fora da sala de aula, grudado na pedagoga- primeira pessoa que ele teve contato na escola. Aos poucos ela foi conseguindo deixá-lo na sala de aula. Quando perguntamos sobre a relação com a professora, a mãe relatou que, inicialmente, não era muito boa, mas que permaneceu o ano inteiro com a mesma turma e até a atualidade ele já menciona algumas vezes o seu nome. No entanto, ele fala muito até hoje na pedagoga, que é a sua referência na escola.

Por meio do relato anterior, percebemos que Thalita vislumbrou o espaço escolar como uma importante possibilidade de desenvolvimento do seu filho. Quanto ao exposto, Gonring (2014) destaca a necessidade de reconhecer o cotidiano da Educação Infantil como um meio propício para todas as crianças se desenvolverem e produzirem conhecimentos com seus pares, por meio das mediações pedagógicas dos professores. Outrossim, os estudos de Vigotski corroboram com as asserções, quando o autor afirma que "o meio social é a verdadeira alavanca do processo educacional, e todo o papel do mestre consiste em direcionar essa alavanca" (VIGOTSKI, 2001, p. 65).

A mãe relatou que quando Vicente entrou na escola não possui interação com os colegas, mas que, ao passar do tempo, ele conseguiu fazer algumas amizades, o que ajudou nesse processo de inclusão escolar. Neste sentido, é relevante destacar sobre a importância do meio social. Quanto ao exposto, vale trazer à tona as palavras de Vigotski (2001), quando destaca que:

tudo no homem pode ser educado e reeducado sob uma correspondente interferência social. Neste caso, o próprio indivíduo não pode ser entendido como forma acabada, mas como uma permanente e fluente forma dinâmica de interação entre o organismo e o meio (VIGOTSKI, 2001, p. 284).

Quando perguntado se ela considera a escola inclusiva, ela relatou que sim, pois mesmo com as características do seu filho, ele está sempre participando das ações/atividades propostas pela escola, respeitando seu tempo e espaço. Sobre adaptações e/ou práticas pedagógicas observadas por ela, a mãe destacou que o seu filho está sempre inserido nas atividades propostas para a sua turma.

Quanto ao exposto anteriormente, trazemos à tona a autora Chiote (2011). Parafraçando-a, compreendemos que, no espaço da educação infantil, a mediação pedagógica potencializa o desenvolvimento da criança com autismo, na medida que permite apropriações e compartilhamento de sentidos mais amplos e complexos no que concerne ao meio físico, social e a si própria nesse contexto.

Também é importante trazer à tona as reflexões de Drago (2011), porque entendemos que as escolas, para serem inclusivas, precisam respeitar as características individuais de cada discente, e cumprir seu papel social, ou seja, tornar-se um espaço de convivência com a diversidade e com as singularidades dos sujeitos, sejam ou não possuidores de alguma deficiência, transtorno global do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação.

Quando questionada se na escola ou na vida cotidiana já vivenciou alguma situação de preconceito relacionado ao transtorno do seu filho, Thalita disse que preconceito em si não, mas que já vivenciou momentos em que as pessoas julgaram suas ações ou gestos como algo em que seu filho deveria ser severamente punido ou repreendido, ignorando totalmente as particularidades do seu filho.

Quanto ao que foi enfatizado pela mãe de Vicente, destaca-se que muitas pessoas da sociedade em geral não conhecem as especificidades do TEA e fazem pré-julgamentos acerca das ações dos genitores frente ao comportamento dos filhos.

Na opinião da mãe, a compreensão da família e da escola é de suma importância, pois favorece um ambiente mais agradável. No início, as pessoas cobravam muito dele, agora já percebem e aceitam seu modo diferente de agir e de compreender o mundo. Na escola há a preocupação de respeitar o seu tempo de concentração sendo apresentada as atividades de forma gradativa. Nesse contexto, tratando-se da relação entre família e escola, Rego (2003) destaca que essas instituições influenciam na formação do sujeito na medida em que compartilham algumas funções no âmbito educacional e social.

Para finalizar, perguntamos para a entrevistada como é ser mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. A mãe disse que não o vê como uma criança diferente, mas sim como uma criança que requer mais atenção e paciência que as demais. Ela aprendeu muito com ele, por exemplo, que as coisas não devem ser tão rígidas, que não existe um modelo padrão para tudo. Thalita também ressaltou que aprendeu a ter um novo olhar para a vida, a desacelerar, pois a paciência é a peça chave para seguir em frente, visando sempre o melhor para seu filho, para que ele se desenvolva, tenha mais autonomia e seja atuante na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve por objetivo compreender a história de vida de uma criança com transtorno do espectro autista que está inserido na educação infantil. Para atingir esse objetivo, foi desenvolvida um pesquisa de abordagem qualitativa do tipo história de vida com a mãe de uma criança com autismo que está inserida no contexto da educação infantil.

Quanto ao primeiro objetivo específico, analisar como se deu a chegada do diagnóstico no âmbito familiar, constatamos que foi um momento impactante para os pais e para a família de Vicente em geral, porém não impediu que a mãe buscasse apoio

social e terapias que possibilitassem os processos de aprendizagem e desenvolvimento dele. Tal atitude da mãe, após o "luto de chegada do diagnóstico", encontra alicerce em algumas pesquisas realizadas para compor o *corpus* da revisão de literatura deste trabalho, como os de Silva *et al.* (2014) e Souza (2016). Isso porque as mães de crianças com deficiência e/ou transtornos globais do desenvolvimento pensam em várias possibilidades para o desenvolvimento dos seus filhos, independentemente do preconceito e das barreiras atitudinais encontradas na sociedade.

Quanto ao segundo objetivo específico delineado para esse trabalho, que consistiu em conhecer por quais vias se dão os processos de escolarização dessa criança no contexto da educação infantil, vale destacar que a escola é o espaço em que os discentes com autismo, na maioria das vezes, estabelecem os primeiros contatos sociais, para além do grupo familiar. Assim, pudemos constatar, a partir dos relatos da mãe, que Vicente, na escola de educação infantil, teve alguns momentos difíceis de adaptação no início, mas com o passar dos meses passou a se integrar ao grupo e a melhorar um pouco as relações interpessoais. Em relação ao seu processo de escolarização, ficou elucidado que a aprendizagem do discente se dá pela valorização das suas potencialidades, principalmente pelo seu hiperfoco, e também a partir da adaptação da rotina, uso do reforçador, previsibilidade das ações e atenção especial aos momentos de crise. Nesse ínterim, não há uma padronização do trabalho pedagógico para todos estudantes com autismo, mas a necessidade de adaptação da práxis pedagógicas às suas individualidades.

Portanto, o professor deve se reconhecer como mediador do processo de inclusão do aluno com autismo e potencializar que as relações dialógicas e alteritárias não ocorram apenas entre docente- aluno com autismo, mas principalmente entre discentes com autismo- discentes sem autismo. O exposto é imprescindível para melhoria das interações recíprocas e, conseqüentemente, para os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos discentes com TEA.

No que tange ao terceiro objetivo desse estudo, entendemos que, a partir da perspectiva da mãe, Vicente está incluído na escola em que ele frequenta a educação infantil, estando sempre participando das atividades. Ademais, seu tempo/espaço de/para aprendizagem e seu modo de realização das atividades é sempre considerado. Ante o exposto, pode-se inferir, após a escuta sensível dos relatos da mãe, que o

discente com autismo é incluído no contexto da escola regular, haja vista que suas peculiaridades são consideradas na rotina escolar e no planejamento pedagógico.

Em suma, acerca do estudo que foi desenvolvido com a mãe de um discente com autismo, importa salientar que as pessoas com esse transtorno do neurodesenvolvimento podem aprender e se desenvolver na escola comum, desde que as mediações sejam adequadas às especificidades dos sujeitos e que os déficits não sejam evidenciados ante as potencialidades. Ademais, é fundamental que a família acredite que esse sujeito é capaz de aprender e se desenvolver e que haja uma relação profícua entre escola e família almejando o desenvolvimento da autonomia da pessoa autista, desde o contexto da educação infantil.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, M. P. M. **Assim como as borboletas: Bianca e a síndrome de Turner**. 2020. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

ARAÚJO, M. P. M. **Para além do biológico, o sujeito com a Síndrome de Klinefelter**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

BECKER, E.; D' ANTINO, M. E. F. Deficiência e estranhamento: a visão da família e do poeta. In: FUJISAWA, D. C. *et al.*, **Família e Educação Especial**. Londrina: ABPEE, 2009. Disponível em: <http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/143.htm>. Acesso em: 18 de jul. 2021.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n.1, p.65-74, 2009.

CHIOTE, F. de A. B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). 2011. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

DRAGO, R. **Inclusão na educação infantil**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

GONRING, V. M. **A criança com síndrome de Asperger na educação infantil: um estudo de caso**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GPI, **Não faz mal pro Brasil**, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://www.univali.br/noticias/Paginas/grupo-de-criancas-com-tea-compoe-e-grava-musica-sobre-o-autismo.aspx>. Acesso em: 03 jun. 2021.

OLIVEIRA, I. M. de; SANTOS, E. C.; CHIOTE, F. de A. B; PINTO, A. K. P. A inclusão de uma jovem com autismo no Ensino Médio, na perspectiva de seus colegas de turma. In: VICTOR, S. L.; OLIVEIRA, I. M. de. **Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: concepções e práticas educativas**. Marília: ABPEE, 2016.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RIBEIRO, E. N. C. **O papel do lúdico no desenvolvimento social de crianças com o transtorno do espectro autista numa perspectiva inclusiva**. 2020. Monografia (Graduação em Pedagogia)- Faculdade de Educação- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SILVA, V. de A. C *et al.* Histórias de vida de mães de sujeitos com deficiência: vidas que compõem histórias. **Revista Facevv**, v. 6, p. 163-177, 2014.

SOUSA, D. L. da S. **O diagnóstico e a escolarização: os sentidos subjetivos constituídos por mães de alunos com autismo**. 2016. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Organização [e tradução] Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. 1. Ed.- Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto; Luiz Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos de defectologia**. Madri: Visor distribuciones, 1997.

*Recebido em: 10/06/2022*

*Aprovado em: 15/07/2022*

*Publicado em: 22/07/2022*